

APRESENTAÇÃO

SERGIO BAPTISTA DA SILVA
EDITOR

Com muita satisfação, apresento o volume 11, número 1 (janeiro-junho, 2017), da **Espaço Ameríndio**.

A seção de **Artigos** inicia com o texto de Leif Grunewald, da Universidade Federal da Grande Dourados, *Um grupo e(m) transformação: “o xamanismo ayoreo”*, falantes de uma língua Zamuco e habitantes do Chaco paraguaio, no qual o autor o aborda “como uma dimensão em transformação perpétua”.

Eduardo Santos Schaan, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em seu artigo *Deslocando a escola: ocupação e desocupação mbyá da Escola Karaí Nhe’e Katu*, tem por objetivo refletir sobre a escola indígena da *Tekoá Nhundy* (Aldeia da Estiva - RS) em relação à agência de alunos e professores mbyá-guarani, discutindo seus regimes de aprendizagem próprios em relação ao Estado.

Em *Imitação e fazer preconceito: circulação de objetos, roupas, modas e jeitos entre os Wajãpi (Amapá)*, Camila Galan de Paula, da Universidade Federal do Vale do São Francisco, analisa dinâmicas ligadas à aquisição e à circulação de mercadorias entre este coletivo tupi-guarani, tanto a partir da ideia de imitação como das relações sociopolíticas internas ao grupo.

Fabiola Iuvaro, University of East–Anglia, em *William Crocker’s Photographic Collection among the Canela of Central Brazil*, apresenta, discute e avalia esta importante coleção imagética, pouco estudada e valorizada no meio acadêmico, fruto de 55 anos de intermitente trabalho de pesquisa junto a este coletivo indígena do Maranhão.

No artigo intitulado *Reflexões a partir de percepções mbyá-guarani sobre interculturalidade em ações socioambientais*, Beatriz Osorio Stumpf, Denise Rosana Wolf, Paulo Roberto Marques Fernandes e Virginia Koch, do Instituto de Estudos Culturais e Ambientais (IECAM), apresentam e analisam processos colaborativos, nos quais atuam tanto epistemologias acadêmicas como indígenas, em um contexto de “complementaridade de saberes e aprendizagem mútua” e de “contínuo exercício de valorização simétrica de conhecimentos”.

Em nosso último artigo deste número, *Populações indígenas e políticas territoriais: incremento jurídico–administrativo dos processos para a regularização das terras indígenas a partir de experiências sul-mato-grossenses*, Katya Vietta discorre e reflete sobre “diferentes instrumentos legais que pautam o direito indígena às terras habitadas”.

Na seção **Ensaio Bibliográfico**, Jarbas Couto e Lima, da Universidade Federal do Maranhão, em *A translucidez da antropofagia tupinambá*, retoma tanto os registros de viajantes franceses e portugueses do século XVI sobre eventos canibais como as discussões empreendidas nos clássicos da etnologia brasileira, discutindo a antropofagia tupinambá como vingança ritualizada e como um aspecto essencial da sociabilidade e da subjetividade ameríndias.

Em *La “Colonialidad del ser” en los discursos ilustrados sobre el cuerpo indígena americano*, María Teresa Guerrero Bucheli, da Universidad Nacional Autónoma de México, apresenta os avanços atuais em relação aos discursos coloniais imperantes durante o século XVIII sobre o corpo e a sensorialidade ameríndia.

Na seção **Autores Indígenas**, no texto *Lugar-Pensamento indígena e agência de humanos e não humanos (a Primeira Mulher e a Mulher Céu embarcam numa turnê pelo mundo europeu!)*, Vanessa Watts-Powless, da McMaster University e membro do clã do urso do povo Mohawk e Anishnaabe do Canadá, examina, desde seu ponto de vista indígena, como a agência circula através de mundos humano e extra-humano na criação e manutenção da sociedade.

Para finalizar esta apresentação, uma palavra sobre nossa capa. Ela foi elaborada por Alana Fries, de nossa equipe editorial, a partir de declaração dada por Sônia Guajajara, coordenadora executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), em agosto de 2016, durante atividade promovida pela Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) da Câmara dos Deputados em comemoração ao Dia Internacional dos Povos Indígenas:

Nesta data, queremos visibilizar que o respeito aos povos indígenas seja de fato realidade. Vivemos ainda a invisibilidade. Lutamos todo dia para mostrar que existimos. É dia de comemorar nossa existência, mas é dia de luta. Luta para que a política pública chegue à aldeia, para que sejamos vistos não como índios, mas como povos indígenas na sua diversidade. Quando atacam nossos direitos, atacam a vida. E o maior de todos os ataques que vivemos agora é a disputa pelo território (Sônia Guajajara, Articulação dos Povos Indígenas do Brasil -APIB).

Desejo a todo/as uma ótima leitura.

Porto Alegre, junho de 2017.